

NAZISTAS NA AMAZÔNIA EM *NAS PEGADAS DA ALEMOA* DE ILKO MINEV: OS OBJETOS E OS MONUMENTOS DA BARBÁRIE

Antonia Natalina Da Silveira Corrêa

Alessandra Fabricia Conde Da Silva¹

INTRODUÇÃO

Este artigo volta-se para o estudo dos objetos presentes no quarto romance, *Nas Pegadas da Alemoa*, de Ilko Minev, publicado em 2021, que conta mais uma parte da saga da família Hazan, cuja história inicia em *Onde estão as flores?* (2014) e perpassa pelo segundo e terceiro romance: *A filha dos rios* (2015) e *Na sombra do mundo perdido* (2018). A família Hazan busca por rastros de uma expedição alemã nazista que se aventurou no Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, no Amapá, em 1935.

Os Hazan, após descobrirem a existência de uma expedição nazista que aportou no Amapá, antes da Segunda Guerra Mundial, resolvem embrenhar-se na floresta amazônica. A família, ao buscar por informações sobre a expedição, depara-se com objetos como livros, fotografias, um filme, uma faca e uma sepultura nazista, objetos nazistas encontrados na Amazônia, considerados por nós como “monumentos da barbárie”, termo falado por Walter Benjamin (1994). Esses objetos monumentalizam a barbárie e ecoam a presença nazista em território amazônico.

Diante disso, o artigo estrutura-se da seguinte forma: a primeira seção é destinada a um estudo sobre a imigração do povo judeu até à Amazônia, com o auxílio dos estudos de Samuel Benchimol (2009), o qual nos ajuda a entender a presença judaica na Amazônia; além disso, recorreremos às contribuições de Regina Igel (1997), Bella Josef (2009) e Alessandra Conde da Silva (2020) sobre a literatura judaica; em seguida será realizado um estudo sobre os objetos que atestam a presença nazista na Amazônia, conforme se vê em *Nas pegadas da Alemoa*, considerando-os como “monumentos da barbárie”, segundo a visão de Walter Benjamin (1994); por fim realizamos uma discussão sobre romance histórico e intertextualidade, segundo Linda Hutcheon (1991).

1. A PRESENÇA JUDAICA NA AMAZÔNIA

¹ Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás e Professora da Universidade Federal do Pará. Campus Universitário de Bragança - Pa. E-mail: afcs77@hotmail.com.

O povo judeu sempre viveu “uma história de perseguições, de massacres, de fugas” (SCLIAR, 1985, p. 27). Em razão da inquisição instaurada na Espanha, no século XV, ocorreu a perseguição de vários judeus sefarditas que habitavam na Península Ibérica. Alguns deles buscaram abrigo em Portugal até serem alcançados por novas perseguições e expulsão. O Marrocos acolheu alguns. Por lá ficaram por trezentos anos, devido a sua proximidade à Península Ibérica. Infelizmente, também deste lugar precisaram sair. Em vez de encontrar a paz e a liberdade almejadas, vivenciaram “pobreza, fome, perseguição, discriminação, destruição de sinagogas, etc.” (BENCHIMOL, 2009, p. 259).

Diante dos desafios encontrados em território marroquino e “as privações, violências físicas e perseguições, uma das soluções era imigrar” (BLAY, 2008, p. 38). E foi justamente isso que foi feito, judeus sefarditas marroquinos imigraram para diversos outros territórios, inclusive para o Brasil, mais especificamente, para a Amazônia, pois a região era vista “como o Gam-Eden, o Jardim do Paraíso, a Terra da Promissão” (BENCHIMOL, 2009, p. 307). Em território amazônida, vislumbravam a prosperidade, a ascensão econômica, a construção de um novo lar e a liberdade religiosa, já que a intenção desses imigrantes não era somente ser brasileiro, mas viver a sua judeidade, isto é, continuar sendo judeu e fiel à sua herança (IGEL, 1997, p. 29).

A intenção de imigrar para a Amazônia envolveu fatores sociais, econômicos e políticos que atraíam os imigrantes, sobretudo, o imigrante judeu sefardita-marroquino: “a abertura dos portos, tratados de alianças e amizade, extinção da inquisição, liberdade de culto, abertura do rio Amazonas à navegação exterior e outros elementos” (BENCHIMOL, 2009, p. 259). Estabelecidos na Amazônia, travaram lutas internas. Segundo Regina Igel (1997, p. 28), “o constante da vida interior do imigrante é essa luta entre o que se deixou para trás e o novo a descobrir [...]”. Como eram educados para o trabalho, aos poucos conseguiram prosperar, dedicando-se ao comércio, sendo os primeiros regatões. Além disso, dedicaram-se à medicina, à política, como o judeu major Eliezer Moysés Levy, que foi prefeito duas vezes de Macapá e uma vez de Afuá, e ao campo universitário, entre tantas outras carreiras.

Os judeus na Amazônia realizaram atos de resistência para manter a sua cultura. Segundo Deleuze e Guattari (citado por PEREIRA, 2017, p. 18):

resistir é desviar(se) para não ter que chocar-se sempre contra um poder, uma força maior; resistir é dobrar(-se) mas nem por isso se deixar subjugar totalmente; resistir é curvar(-se) de tal forma que as linhas de forças não se imponham, ainda que sejam mínimas curvaturas; resistir é deslocar(-se) de tal modo que se possa fugir, criar linhas de fugas, ocupar outros lugares, reposicionar-se (DELEUZE; GUATTARI citado por PEREIRA, 2017, p. 18).

Percebe-se atos de resistência dos judeus em território amazônida por meio da manutenção das tradições; da preservação de valores de suas comunidades religiosas, como nas sinagogas Essel Abraham e Shaar Hashamaim instaladas em Belém do Pará; da construção dos cemitérios para fazer suas orações em memória dos seus antepassados; da educação dada pelas mães judias aos filhos; da

fabricação de roupas pelas mulheres judias para ajudar seus maridos durante a crise da borracha. Sendo assim, resistir não é necessariamente fazer alarde ou se tornar explícito. A resistência cotidiana do judeu se manifesta pelo ser e ficar judeu em solo amazônico.

A presença dos judeus marroquinos na Amazônia, dos pioneiros e dos nascidos e criados na Amazônia, gerou narrativas que dessem conta de “contar sua memória” (JOZEF, 2009, p. 194). Para Bella Jozef (2009, p. 195), “esses testemunhos mostram, uma vez mais, o poder da palavra contra o esquecimento. O povo judeu tem sobrevivido, desde sempre, pela palavra. [...]”. Assim, o escritor judeu, sobrevive pela palavra por meio de suas narrativas, onde tem a oportunidade de contar, de rememorar, de resistir, explicar sua existência e transmitir questões relacionadas ao judaísmo. Na Amazônia, encontram-se escritores como Sultana Levy Rosenblatt, Marcos Serruya, Leão Pacífico Esaguy e Paulo Jacob. Estes voltaram-se aos temas do “Brasil como terra de promessa, [d]o judeu e [d]a prosperidade da terra, [d]o judeu comerciante e regatão, [d]a Amazônia como bom lugar para viver a judeidade”, como atesta Alessandra Conde da Silva (2020, p. 2).

Dentre os escritores judeus nascidos ou radicados na Amazônia, destaca-se Ilko Minev. Ele nasceu em Sófia, na Bulgária, em 1946, embora se considere brasileiro de coração, morando na região há mais de quarenta anos. Por ser dissidente político do regime comunista, foi perseguido e fugiu como refugiado político, abrigando-se na Bélgica. Logo depois, parte para Brasil, primeiro para São Paulo, e depois para Manaus, onde constituiu família e trabalho. A vida na região amazônica forneceu imagens e histórias que favoreceram suas criações literárias. Produziu, até o momento, quatro romances: *Onde estão as flores?* (2014), *A filha dos rios* (2015), *Na sombra do mundo perdido* (2018) e, o mais recente, *Nas pegadas da Alemoa* (2021). Minev apresenta neles a saga da família Hazan, cuja história é inicialmente narrada em *Onde estão as flores?*, romance que conta a fuga de judeus búlgaros do domínio nazista e que se refugiam na Amazônia. Licco Hazan juntamente com a sua esposa Berta, fugindo de um campo de trabalho na Bulgária, durante a Segunda Guerra Mundial, viajam rumo ao Brasil, construindo um novo lar, família e amigos. A saga da família Hazan tem fim no seu quarto romance *Nas pegadas da Alemoa*.

2. OS OBJETOS NAZISTAS NO ROMANCE *NAS PEGADAS DA ALEMOA*

Em *Nas pegadas da Alemoa*, a família Hazan busca informações sobre o que uma expedição nazista estaria fazendo na Amazônia, em 1935, antes de eclodir a Segunda Guerra Mundial. Estas respostas não foram encontradas por Licco Hazan. Este faleceu antes de descobrir o mistério. Com isso, a protagonista e narradora do romance, Rebeca, filha de Licco, com seus irmãos Sara e Daniel, o seu primo Oleg e sua esposa Alice, e os filhos deles David e Benjamim e demais amigos embarcam numa aventura pelo Parque Nacional das Montanhas do Tumucumaque, com o intuito de dar prosseguimento à pesquisa iniciada por Licco. À medida que esses aventureiros buscam por informações sobre esta expedição, vários objetos são encontrados, registrando rastros deixados pela expedição alemã: fotografias, livros, um túmulo nazista, uma cópia de um filme e uma faca alemã que possivelmente pertenceu aos alemães.

A expedição alemã aportada na Amazônia, em 1935, era composta pelo zoólogo Otto Schulz-Kampfenkel, pelo piloto Gert Kahle, pelo engenheiro Gerhard Krause, por Joseph Greiner e por uma equipe de dezesseis brasileiros. Eles conseguiram coletar

uma rica coleção de espécimes taxidermizadas e esqueletos e peles e embriões, além de invertebrados, anfíbios e répteis preservados em álcool, e tudo registrara em um compreensivo diário repleto de estatísticas e observações sobre o comportamento dos animais e notas de biologia comparada; realizara trabalho etnológico com os povos do Jari e com eles reunira uma coleção de objetos com valor etnológico; filmara de 1400m de película 16mm, mais 1200 fotografias, 35 fotografias aéreas da região e gravação de sons dos indígenas [...] (SILVA, 2019, p. 20).

O objeto primordial encontrado que estimula e ajuda os familiares a descobrir detalhes dessa expedição, é o livro *Enigmas do inferno na selva*, de Otto Schulz-Kampfenkel, líder da expedição. Esse livro foi deixado por Licco em sua biblioteca e achado por Oleg, que o entrega à sua prima Rebeca, conforme explica: “[...] Oleg passou para mim um livro antigo, com a capa dura tão gasta pelo tempo que não dava para ler o título. Curiosa, abri, folhee algumas páginas e me deparei com uma língua e uma escrita diferentes [...]” (MINEV, 2021, p. 5).

O livro de Otto Schulz-Kampfenkel, que de fato existe e foi publicado em 1938, escrito em alemão gótico, não pode ser lido pelos Hazan. A família encaminhou o livro para um tradutor que traduziu alguns trechos mais importantes do livro, revelando-lhes descrições e situações vivenciadas pela expedição a partir da visão do alemão Schulz-Kampfenkel. No livro, há inúmeras fotografias tiradas pelos alemães durante a instalação da expedição no Amapá. Ele descreve diversas cenas vistas na região Amapaense. Há um trecho no romance de Minev revelando como Otto visualizava a imagem indígena, sobretudo como viam Pitoma, um dos indígenas, alcunhado por eles de Winnetou, que se tornou guia dos alemães:

Um maravilhoso homem selvagem! Quase totalmente nu, exhibe físico de atleta olímpico. Não é alto, mas é bem distribuído, com ombros largos, cintura fina e quadril bem delineado, postura orgulhosa de homem seguro de si. Parece uma estátua de bronze esculpida por um mestre! (MINEV, 2021, p. 107).

A família de Licco descobre outro objeto que amplia a compreensão a respeito da descrição feita no livro de Otto, aumentando o interesse em investigar mais a fundo sobre essa expedição. Trata-se de uma cópia de um filme, encontrado na internet, exibido nos cinemas alemães, em 1938. O filme compara-se a um diário, apresentado por Schulz-Kampfenkel. Ele, o líder da expedição, é exibido como um guia ao longo do filme, registrando o que é visto na região. Ele registra o corpo dos indígenas e dos caboclos, pintados e enfeitados; os animais silvestres (mostra inclusive Schullz-Kampfenkel matando uma cobra sucuri no igarapé de Ipitinga); as

belezas das matas, recebendo atenção das câmeras. Este filme inicia no porto de Belém e é finalizado com os alemães retornando ao ponto de partida. Sobre o filme, Rebeca declara:

[...] achamos na internet uma cópia do filme produzido pelos alemães que fora exibido com bastante sucesso nos cinemas do Terceiro Reich em 1938. Dava para identificar alguns dos rostos da expedição e ainda ter uma visão das belezas selvagens de Tumucumaque. O mais impressionante foi assistir ao primeiro contato dos índios com o homem branco. Achei Pitoma, o primeiro e mais importante indígena que os brancos encontraram durante sua estada na Amazônia [...] (MINEV, 2021, p. 31).

No livro de Schulz-Kampfenkel, a família encontra a fotografia de uma sepultura nazista com uma grande cruz e uma suástica pertencente ao Joseph Greiner. Nela estava escrito "Joseph Greiner faleceu aqui em 02-01-36, de febre, a serviço da pesquisa científica alemã – Expedição Alemã Amazonas – Jari 1935-1937" (MINEV, 2021, p. 10). Ele foi sepultado nas proximidades da cachoeira de Santo Antonio, no Vale do Rio Jari, no sul do Amapá. Falava português e alemão e servia de contato com os caboclos locais. Com isso, os Hazan e amigos deslocam-se ao Vale do rio Jari, a fim de encontrar a cruz. A visão da cruz com símbolo nazista causa um grande choque na família Hazan:

Mais alguns passos e surgiu um pequeno cemitério de onde se sobressaía uma imponente cruz de madeira de lei como símbolo nazista bem visível esculpido na parte de cima. [...] Não era nenhuma surpresa, todos sabíamos que iríamos ver aquilo, mas, mesmo assim, foi chocante. A visão daquela suástica no meio da selva amazônica nos deixou atônitos, sem palavras... (MINEV, 2021, p. 52).

A família tenta comparar fotos da sepultura retiradas em diferentes épocas, isto é, a original do livro de Otto de 1937 com os índios, a de Jens Glüsing após setenta anos mais tarde e, a mais recente, retirada por Oleg durante uma visita ao Amapá. Nelas há grande diferença:

[...] Na foto mais antiga, aquela com os índios, a selva começa logo atrás da cruz e não aparece nenhuma outra sepultura. Todo o texto e a suástica têm fundo pintado de branco, o que facilita a leitura. Na foto de Glüsing, tirada quase setenta anos mais tarde, o cemitério sem dúvidas cresceu, vê-se a selva bem mais distante e mais algumas sepulturas. A cruz está claramente deteriorada, o fundo branco da escrita e da suástica não existe mais e uma cobertura de amianto a protege da chuva e do sol inclemente. A única diferença

visível de lá para cá é que a cobertura foi retirada e a cruz está de novo exposta aos fenômenos naturais (MINEV, 2021, p. 52).

Outros objetos foram encontrados pelos Hazan. Eles se revelaram importantes para confirmar e elucidar alguns fatos presentes no livro de Otto. Um desses objetos foi o livro *O Projeto Guiana: uma aventura alemã na Amazônia* do jornalista alemão Jens Glüsing, publicado em 2008. Glüsing, quando esteve no Amapá, em 2005, fez uma comparação do que viu com a descrição das selvas do Tumucumaque feita pelos alemães, em 1935.

Do livro de Jens Glüsing, os aventureiros citam o livro *Jari: 70 anos de história*, publicado em 1991, do historiador paraense Cristóvão Lins. Esses dois objetos revelam aos aventureiros um novo fato surpreendente que os instigam a procurar algo além da cruz com o símbolo nazista: a descoberta de uma possível filha de um soldado nazista, fruto da relação entre o líder Otto Schulz-Kampfhenkel ou o piloto Gert Kahle da expedição com uma indígena, chamada Macarrani, da aldeia Aparai. Trata-se da Alemoa. Esses dois livros trazem informações diferentes a respeito da paternidade da Alemoa:

[...] Lins afirma que o líder da expedição, Kampfhenkel, 'teria deixado uma filha com uma índia de nome Macarrani. A filha, que era chamada Cessé, era branca e tinha os olhos azuis. O pessoal chamava-a de Alemoa. Ela dizia que era Aparai. Mais tarde, Cessé, que diziam ser muito bonita, casou com um índio da tribo'.

Jens Glüsing em nenhum momento contesta a existência da criança, mas acredita que o mais provável pai da 'Alemoa' seja Gert Kahle, piloto que, de acordo com o diário da expedição, permaneceu por algumas semanas só com duas índias, uma das quais era jovem viúva e se chamava Macassa. Glüsing suspeita que Macarrani e Macassa sejam a mesma pessoa (MINEV, 2021, p. 72).

Diante deste fato, os aventureiros partem em busca da Alemoa e de seus descendentes. Descobrem que a Alemoa era chamada de Cessé, era branca e tinha olhos azuis. Porém, as buscas levaram-nos a saber sobre uma Cessé, que era morena e não tinha olhos azuis. Além disso, seus descendentes – Macarrani, Macassa, Garocomano, Parassi e Pocunato – eram nomes conhecidos na comunidade dos Aparai, mas não se tinha mais informações sobre eles, logo havia a “[...] ausência de registros, a memória era muito curta e seria bastante difícil reconstruir o passado [...]” (MINEV, 2021, p. 169).

Ademais, outro objeto surge ao longo da narrativa. Trata-se de uma faca pertencente a um dos indígenas, chamado Pacaimó. Os Hazan acreditam que teria possivelmente pertencido à expedição nazista, conforme o personagem Oleg, sobrinho de Licco, afirma: “[...] aquela faca mal cuidada deve ser muito mais velha do que podemos imaginar, [...]. Ela é uma pura Solingen alemã, e deve ter muitas histórias a contar. Suspeito que exista uma remota possibilidade de ela ter feito parte da expedição alemã” (MINEV, 2021, p. 171).

A família de Licco, após de analisar arquivos sobre a presença nazista na Amazônia, entendeu as verdadeiras razões da investida alemã. Para eles, a expedição tinha primordialmente a intenção científica e de marketing político, mas,

nos bastidores do regime nazista, havia um velado interesse em uma possível invasão militar das Guianas. O documento intitulado *Guayana-Projekt*, guardado nos arquivos de Berlim, desvela que Schulz-Kampfhenkel recomenda a invasão e a conquista da Guiana Francesa, uma vez que a Alemanha não tinha nenhuma base naquela região, reconhecidamente estratégica e rica em minerais, por isso, “a tomada das Guianas é uma questão de primeira importância por razões políticas-estratégicas e coloniais” (MINEV, 2021, p. 63). A família ainda descobre que Schulz-Kampfhenkel, em carta ao Reichsführer da SS, Heinrich Himmler, em 1940, conta que a conquista daquele território seria fácil em razão da possível aliança e do bom relacionamento com os indígenas e, além disso, o então presidente do Brasil Getúlio Vargas era simpatizante e admirador de Hitler e Mussolini, razões fáceis para conseguir a conquista.

Entretanto, segundo Silva (2019), a ideia de invasão dos nazistas “é puro sensacionalismo e inverdade”. O intuito principal desta expedição na Amazônia seria “reunir uma coleção zoológica e etnológica, produzir material cartográfico sobre a região, realizar filmes durante a aventura e testar a empregabilidade do hidroavião em um ambiente daquela natureza – fluvial e equatorial” (SILVA, 2019, p. 14), ou seja, a intenção era unicamente empreender uma expedição científica na Amazônia. Para Silva (2019), é inconsistente se basear por meio do documento, pois o autor responsável por ele, era um romancista, chamado Heinrich Peskoller, sem qualquer influência no regime nazista e escreve o tal plano por iniciativa própria, enviando às SS (tropa de proteção da Alemanha Nazista), ao pensar em ser beneficiado mostrando serviço. Assim, Silva (2019) afirma que não se tratava de fato de uma tentativa de invadir o Brasil.

Otto Schulz-Kampfhenkel transformou a aventura em filme e em livro, realizando uma exposição das peças que coletou no Brasil. Além disso, teve a ideia de recriar a selva amazônica num cenário onde seu público, em Berlim, conseguisse visualizar o ambiente amazônico.

3. OS OBJETOS NAZISTAS COMO “MONUMENTOS DA BARBÁRIE”

Os objetos ligados à história da presença nazista na Amazônia, encontrados pelos Hazan, como a faca, a sepultura, os livros, as fotografias e o filme, são “como pequenas pistas documentais, jogadas, no romance, de modo a se construir não apenas a ideia de que o que se fala tem lastro histórico, mas deles se constroem, se fabulam, histórias sobre histórias”, segundo atesta Alessandra Conde da Silva (2022, p. 2).

Esses objetos ecoam a presença alemã em terreno amazônico, os quais são considerados por nós como “monumentos da barbárie”, termo falado por Walter Benjamin (1994). Segundo Benjamin (1994, p. 225), “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura”, ou seja, esses objetos, como monumentos da cultura, avivam a consciência de haver na Amazônia marcas que exibem a barbárie, pois, por trás deles, há a existência da dominação e subjogação de povos excluídos. Por meio desses monumentos, reflete-se o triunfo da barbárie dos nazistas: a sepultura com a suástica que relembra um grupo dominador; o livro, filme e fotografias de Otto, que

apresenta o olhar do nazista sob a Amazônia e dos povos que lá habitavam; e a faca, como pertencimento a este grupo dominante. Tais objetos são parte da cultura que transmite o horror, a brutalidade e a crueldade.

Segundo Alessandra Conde da Silva (2022, p. 3), alguns desses objetos “monumentalizam palavras, outros a morte, e, ainda outros, carregam em sua cintura um instrumento para a sobrevivência”. Esses monumentos são leituras desse fato histórico que ajudam a compreender e refletir uma parte da história vivida em terreno amazônico.

Esses objetos encontrados causam horror e espanto ao grupo dos Hazan. A sepultura que carrega o símbolo da suástica nazista faz recordar da *shoah*, catástrofe que dizimou milhares de judeus. Para Ilko Minev, a presença nazista na Amazônia “poderia ter mudado toda a geopolítica da região caso os planos dos alemães se concretizassem. Felizmente, isso não ocorreu” (MINEV, 2022, s/p).

4. O ROMANCE HISTÓRICO E A INTERTEXTUALIDADE LITERÁRIA

Nas pegadas da Alemoa é um romance histórico, pois, como aponta Michel Vanoosthuyse (citado por RIBEIRO, 2009, p. 76), “o romance histórico é um gênero híbrido por lidar com o fictício, ponto-chave para o romance, e com o verídico, inerente ao discurso da história”. Desse modo, ao longo da narrativa, a Literatura e a História se entrelaçam, onde há um jogo do histórico com o fictício. No caso do *Nas pegadas da Alemoa*, questões do passado são retomadas no presente, sendo contadas por personagens judeus estabelecidos no ambiente amazônico. Este romance histórico se caracteriza como pós-moderno, pois

diferentemente dos romances históricos tradicionais, não pretende contar a verdade, mas sim apresentar outras possibilidades de interpretação e tentar desvendar de quem é essa verdade. Dessa maneira, forma-se um dos princípios definidores do romance histórico pós-moderno que é a flexibilidade de interpretação, importante aspecto, pois proporciona reflexões sobre a própria história” (RIBEIRO, 2009, p. 79).

A revisitação do passado não ocorre somente com o intuito de fazer um revisionismo histórico por intermédio do texto ficcional, como pontuou Linda Hutcheon (1991). O passado é retomado para ser problematizado a respeito da intenção da expedição na Amazônia, despertando questionamentos e problematizações sobre a expedição. Conforme aponta Benjamin (1994, p. 224), “[...] é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela”. A tradição dos dominantes reproduz sempre uma narrativa própria, impedindo que outras narrativas ou histórias sejam contadas. Para Benjamin, é preciso tirar as pessoas do conformismo, construindo um conceito do ponto de vista dos dominados e não dos dominantes. A história deve ser construída a partir do povo, dos oprimidos. *Nas pegadas da Alemoa* é narrado por Rebeca, filha de um judeu. A história é contada pela perspectiva de um povo que foi alvo de perseguição. Logo, o romance convida-nos a conhecer um fato, um tanto esquecido ou até mesmo

desconhecido, pela perspectiva de uma família judia, vivenciado na região amapaense, antes de eclodir a Segunda Guerra Mundial.

No romance, à medida que o leitor faz sua leitura e toma conhecimento da misteriosa expedição nazista, ele encontra apoio em elementos intertextuais, como livros, fotografias e filme, estabelecendo uma espécie de vozes dentro do texto. De acordo com Umberto Eco (citado por HUTCHEON, 1991, p. 167), “[...] livros sempre falam sobre outros livros, e toda estória conta uma estória que já foi contada”, ou seja, o passado é recontado, neste romance, mediante o uso de intertextos da história e também da literatura. No processo, é desmascarada e criada a história sobre a expedição nazista por intermédio de registros dos objetos encontrados. Esse diálogo com outras fontes dentro da própria produção textual possibilita ao leitor se apropriar dos fatos, questioná-los por meio de várias versões e visões do mesmo acontecimento, pois devido se caracterizar como um romance histórico pós-moderno, o intuito não é dar respostas prontas, e sim, suscitar questionamentos perante o que é narrado.

Para Linda Hutcheon (1991, p. 147), “reescrever ou reapresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico.”, ou seja, o intuito do romance não é necessariamente revelar a verdade da real intenção da expedição alemã, mas apresentar possibilidades de interpretação, conforme pontuamos neste trabalho sobre as visões divergentes referentes a intenção da expedição alemã em terreno amazônico, podendo ter sido somente uma expedição científica ou uma possível invasão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vimos, este trabalho realizou um estudo sobre os objetos da barbárie encontrados no quarto romance de Ilko Minev, *Nas pegadas da Alemoa*. Tais objetos estariam ligados à história nazista na Amazônia: livros, fotografias, filme, uma sepultura e uma faca alemã, que revelam a presença de uma expedição alemã, na Amazônia, antes da Segunda Guerra Mundial. Aqui, pautou-se discutir esses objetos como “monumentos da barbárie” a partir do conceito apresentado por Walter Benjamin, com o intuito de perceber a presença nazista em terreno amazônico, avivando a consciência, causando espanto e horror, permitindo a rememoração da barbárie cometida pelos nazistas responsáveis pelo massacre de milhares de judeus.

Além disso, devido o romance de Ilko Minev se caracterizar como romance histórico pós-moderno, oferece ao leitor problematizar, questionar e refletir sobre a intenção dessa expedição que se estabeleceu na Amazônia, uma vez que é apresentado pela visão do oprimido, no caso, uma família de judeus. Os objetos comprovam a presença nazista, causando espanto e terror. Além disso, é possível e necessário que se realizem determinados questionamentos sobre a razão da expedição no Amapá: seria somente uma expedição científica ou tinham os nazistas intenções em invadir partes do Brasil? Logo, o objetivo não é conduzir a uma resposta, mas, como o próprio romance pós-moderno evoca, proporcionar a quem lê conhecer partes desse capítulo da história da Amazônia e refletir por meio da literatura, lugar de questionamentos e reflexões.

Referências

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. 3.ed. Manaus: Editora Valer, 2009. 546 p.

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: *BENJAMIN, W. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução por Sérgio Paulo Rouanet e prefácio por Jeanne Marie Gagnebin. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.

BLAY, EA. Judeus na Amazônia. *Scielo.org. Identidades judaicas no Brasil contemporâneo* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. p. 25-57, 2008. ISBN: 978-85-9966- 260-1. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/h9ypr/pdf/sorj-9788599662601-03.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.

EXPEDIÇÃO NAZISTA NA AMAZÔNIA EM 1935. Fabrício Serrão. Brasil: Educa Filme, 2015. Brasil. Youtube (91 minutos), p & b. <https://www.youtube.com/watch?v=G1qI722sMI0&t=1390s>. Acesso em: 24 maio.2022.

CONDE-SILVA, Alessandra Fabricia. Escritores sefarditas na Amazônia. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Minas Gerais*, v.14, n. 26, p. 163-177, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/21726>. Acesso em: 27 mar. 2023.

CONDE-SILVA, Alessandra Fabricia. Os livros dentro do livro e o monumento da barbárie em Nas pegadas da Alemoa. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Minas Gerais*, v. 16, n. 30. p. 192-194, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/39454>. Acesso em: 18 dez. 2022.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus, escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

JOZEF, Bella. O olhar judaico: memória e testemunho. *Scielo*. In: LEWIN, Helena (Coord.). *Agradecimento. Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. p. 189-197, 2009. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/583jd/pdf/lewin-9788579820182-19.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2022.

MINEV, Ilko. *Nas pegadas da Alemoa*. São Paulo: Buzz Editora, 2021.

MINEV, Ilko. A presença nazista na Amazônia. *Morashá*. 2022. Disponível em: <https://www.morasha.com.br/hoje-no-brasil/a-presenca-nazista-na-amazonia.html>. Acesso em: 05 jan. 2023.

PEREIRA, Edir. Resistência decolonial: estratégias e táticas territoriais. *Terra Livre*, São Paulo, v. 2, n. 23, p. 17-55. Disponível em: <https://1library.org/document/q2e3n7pq-resistencia-descolonial-estrategias-e-taticas-territoriais.html>. Acesso em: 19 jun. 2023

RIBEIRO, Rejane de Almeida. A. *Aspectos dos romances históricos tradicional e pós-moderno*. *Uniesp.edu*. São Paulo, v. 1, p. 74-81, 2009. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170802101808.pdf

SCLIAR, Moacyr. *A condição judaica: das tábuas da lei à mesa da cozinha*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

SILVA, Lucas Maia Saturnino Alves da. *Império na Selva: Representações do imperialismo e a expedição amazônica de Otto Schulz-Kampfhenkel (1935-38)*, 2019. 183 f. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea). Universidade Nova de Lisboa. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/75498>. Acesso em: 05 jan. 2023.